

Moacyr Scliar: reflexões sobre a criação literária

Moacyr Scliar: reflexions about creation

MARIE-HÉLÈNE PARET PASSOS*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

Resumo: A partir de algumas imagens de documentos encontrados no “Acervo Moacyr Scliar”, foi possível ilustrar uma parcela da reflexão do próprio autor acerca do processo de criação. De fato, numerosos são os textos de Moacyr Scliar em que ele desenvolve um raciocínio, ficcional ou não, sobre o escritor, seu papel, ou, em que se questiona sobre o surgimento de ideias e como o escritor consegue, ou não, captá-las. E, quando captada, de qual modo uma ideia é desenvolvida, trabalhada até redundar em um texto publicado e alcançado pelo leitor. É penetrando nos bastidores da criação (acervo) de um escritor que é possível acessar um material que, ao ser analisado, respalda as descrições de um processo criador.

Palavras-chave: acervo; processo de criação; escritor; Moacyr Scliar.

Abstract: From some images of documents found in the "Moacyr Scliar's Archive", it was possible to illustrate a portion of the author's reflection about the creative process. In fact, numerous are the texts in which Moacyr Scliar develops a reasoning, fictional or otherwise, about the writer, his role, or in which he questions about the emergence of ideas and how the writer can, or not, collect them. And, when collected, in what way an idea is developed, crafted to result into a text that is published and accessed by the reader. It is penetrating behind the scenes of the creation (archive) of a writer that it is possible to access a material which, when analyzed, supports the descriptions of a creative process.

Keywords: archive; creative process; writer; Moacyr Scliar.

O escritor Moacyr Scliar, ao longo de sua produção literária de 80 livros, nunca deixou de refletir sobre a questão da criação. Em sua “trajetória literária”, subtítulo do livro *O texto, ou: vida* (2007), ele indaga desde o início (p. 16): “Por em contatos diferentes parte de nossa mente, inclusive

aquelas que se expressam simbolicamente, metaforicamente, é essencial. É o início mesmo do processo de criação. Um processo que envolve muitos mistérios: os escritores nunca conseguem responder satisfatoriamente à clássica pergunta: “De onde surgem as ideias para os textos?”.

* PUCRS-PNPD/CAPES.



No DELFOS¹, onde está conservado o “Acervo MSC”, consta um documento significativo no qual o escritor procura descrever, ilustrar e explicar o caminho do processo criativo de uma ideia, pelo viés de um esquema representando “pictoricamente esses mistérios”². Nessa esquematização, o autor procura delinear e acompanhar o trajeto de uma “ideia”, palavra que ele utiliza “à falta de um termo melhor”. Algumas ideias “nem sequer sensibilizam ou mobilizam o escritor [...] Algumas vezes uma ideia é captada pelo escritor que no entanto a rejeita [...] finalmente uma ideia põe o escritor em ação [...]”. Toda ideia rejeitada, não captada ou abandonada tem o mesmo e temível destino: o limbo.

Um outro documento do acervo permite ilustrar, de um lado, como uma ideia pôs em ação o escritor, isto é, o levou a iniciar uma textualização, e, de outro lado, de onde surgiu uma ideia e foi “captada” pelo escritor. Esse documento é uma caderneta na qual Moacyr Scliar registrou o diário da viagem que o levou a passar três meses em Israel, no início do ano 1970.

Na Figura 1, vemos uma página da caderneta onde Moacyr Scliar escreveu em caneta azul: “Ideias que surgiram na viagem”, frase seguida de diversas anotações formulando-as:

Deus e o diabo conferenciando sobre Job.

Simplesmente. Homem nasce. cresce. ~~morre~~. viaja (vai para USA. teme os americanos, é comunista (o que é meu é teu o que é teu é meu), é filósofo, o que é importante está fora ou o que está dentro

A materialidade desses rastros registrados durante a viagem possibilita constatar que ideias surgiram, não sabemos como, mas que duas foram anotadas. Portanto, foram impactantes o suficiente para fazer o escritor registra-las, em vez de abandoná-las ao limbo. No que concerne à primeira ideia, encontrei no acervo um pequeno bloco (receituário do INSS de Israel) cujo verso foi utilizado para escrever um conto que o escritor intitulou: “Deus e diabo na terra de Job”³ (Figura 2). Esse título retoma, com modificações, a frase anotada na caderneta. Assim, podemos entender o percurso da ideia que, salva do limbo pelo registro, levou o escritor à ação. De fato, ele começou a desenvolvê-la no pequeno bloco num fluxo escritural que não ultrapassou oito folhas do mesmo. Observamos, na última página (Figura 3), o movimento escritural interrompido após uma rasura de supressão. Não encontrei, no acervo, outros documentos de processo retomando esse trabalho inacabado. Desse modo, é possível dizer que a existência textual da ideia mergulhou no limbo após ter vencido duas etapas (captção, ação)⁴.

¹ DELFOS, Espaço de Documentação e Memória Cultural. O DELFOS está instalado no sétimo andar da nova Biblioteca Central Irmão José Otão, Prédio 16, 7º andar, do campus da PUCRS Av. Ipiranga, 6681. <<http://www.pucrs.br/delfos/>>. A coleção de documentos de Moacyr Scliar é disponível no Delfos Digital: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/community-list>>.

² Ver: “Moacyr Scliar: da intuição genética ao processo de criação”, in *Navegações*, v. 3, n. 1, p. 27-33, jan.-jun. 2010.

³ O manuscrito pode ser consultado no seguinte endereço: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/620>>.

⁴ O que não equivale a dizer que a ideia foi abandonada definitivamente. Esse projeto de tratamento da ideia no determinado conto foi abandonado. Contudo, sabemos que o tema do conto inacabado (o conflito no Oriente Médio) faz parte da grande temática scliariana e, justamente, está presente na primeira narrativa longa do autor *A guerra no Bom Fim*, iniciada antes de sua viagem à Israel (1970), concluída após o seu retorno à Porto Alegre (junho de 1970) e publicada em 1972.

No bloco, não há registro de data, no entanto, sendo o suporte um material do sistema de saúde israelense, pode-se emitir a hipótese que o escritor ganhou o bloco durante sua estada em Israel e que, ainda nessa viagem, ele começou a desenvolver a ideia previamente anotada, talvez

influenciado pela proximidade temporal entre o registro da ideia na caderneta e o desenvolvimento textual no bloco. Todavia, o texto não foi retomado posteriormente, e não é possível dizer por quê. Então, a ideia foi salva do primeiro e do segundo limbo, mas não resistiu ao terceiro.

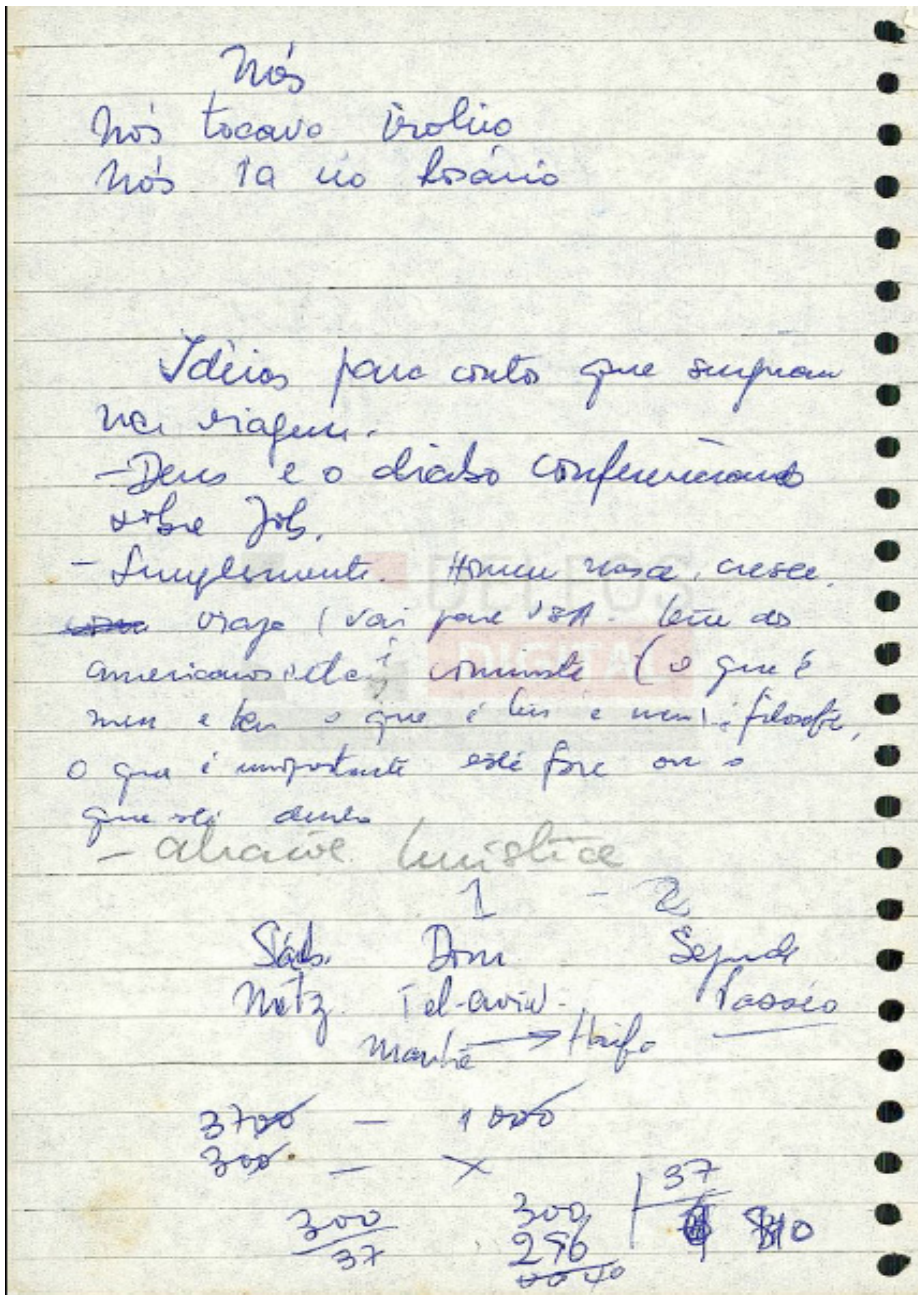


Figura 1. Página da caderneta de viagem onde foram anotadas ideias de contos.

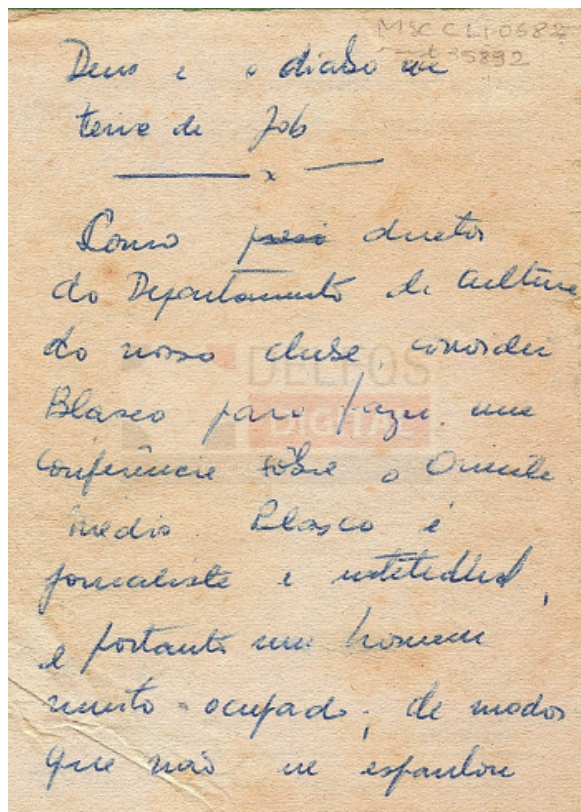


Figura 2. Primeira folha do bloco

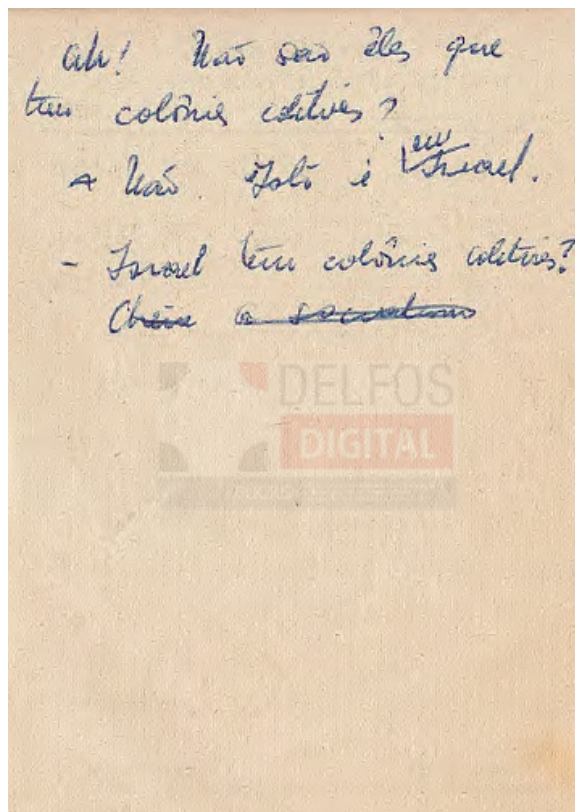


Figura 3. Última folha do bloco

No livro *O texto, ou: a vida*, Moacyr Scliar pergunta-se de onde surgem as ideias? Graças a anotações registradas nessa mesma caderneta, é possível dar um início de resposta: algumas ideias podem surgir de uma determinada situação. Por exemplo, na (Figura 4), está escrito: “Luta para dormir. Descrever todo o processo? Daria um conto”. E, ainda, na (Figura 5), no último parágrafo lemos: “Voltando de Haifa. Ônibus cheio. Senta ao lado de mim um velho gordo. Lutamos: ele quer botar o casaco eu não deixo. Ele abre a janela. Ele se espalha no banco. De repente me ocorre um conto”.

Ao ler as anotações registradas no diário de viagem constatamos que a manifestação do processo criativo é inerente ao

quotidiano, e também à escritura. De fato, embora o escritor esteja em um processo de registro de anódinos acontecimentos, a sua imaginação não pode ser apartada. Assim, podemos entender que, na prática, isto é, no viver cotidiano, na rotina das atividades, não é possível a dicotomia: viver de um lado, escrever do outro. Viver-escrever é uma unidade. Daí o título do livro e sua singular pontuação: *O texto, ou: a vida*, publicado em 2007, para expressar a idônea imbricação do processo de continuidade entre o texto e a vida, sendo o texto uma outra forma de viver, e, ainda como o expressa Moacyr Scliar: “apesar da suposta oposição entre o texto e a vida, todos os escritores sabem que não há outra forma de produzir literatura”.

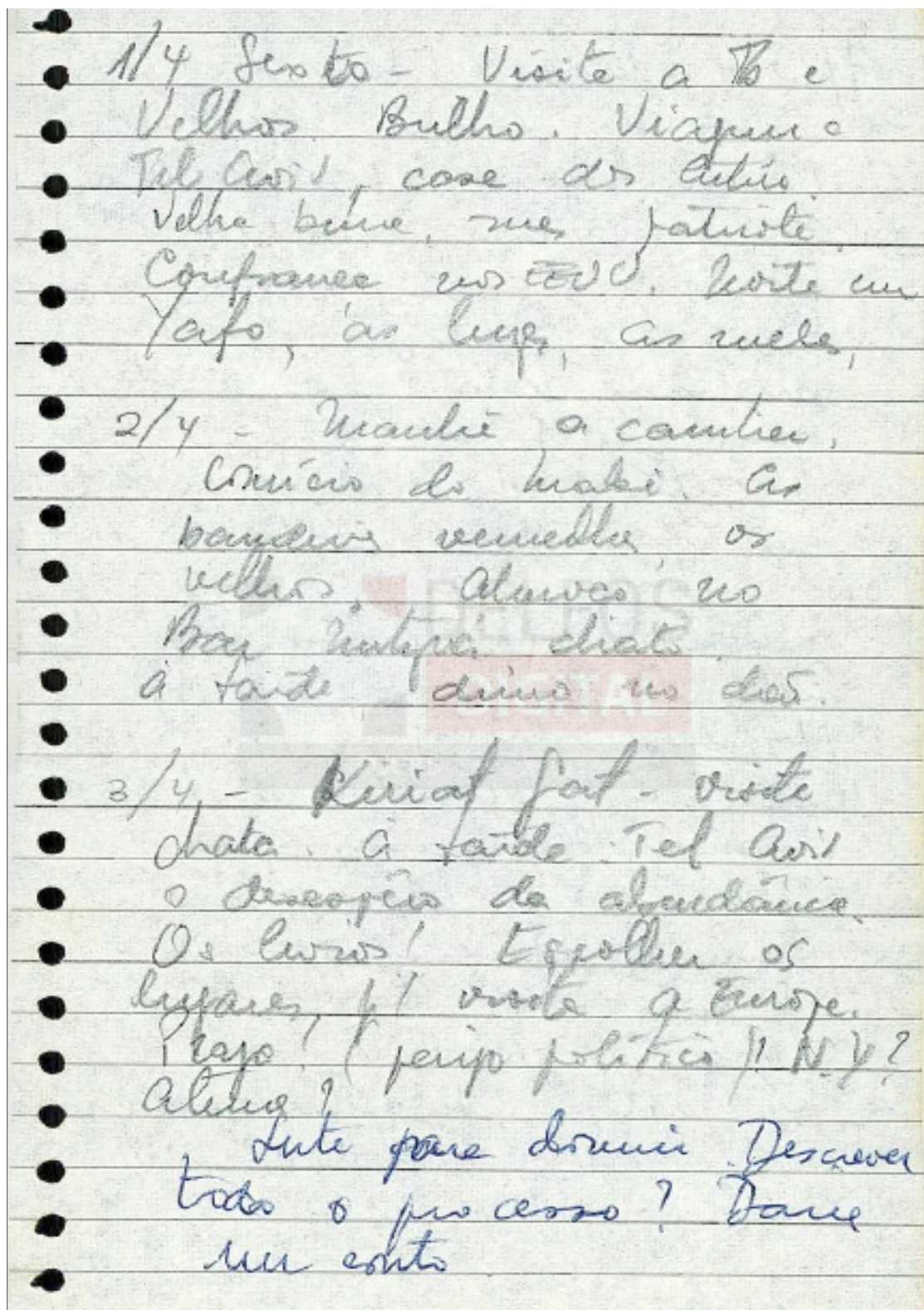


Figura 4. Folha da caderneta de viagem em que o registro de um fato vivido desencadeia uma possibilidade narrativa.

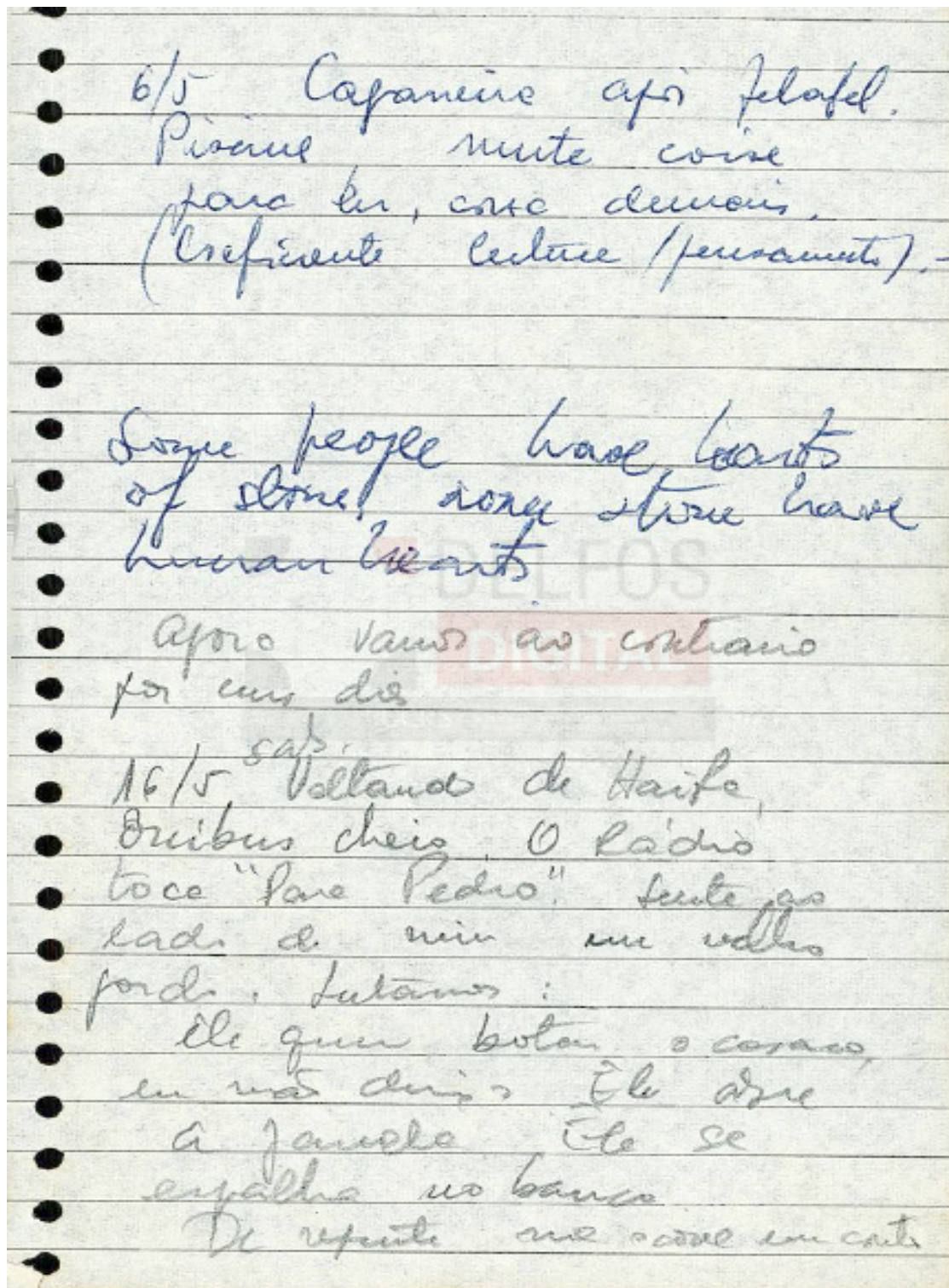


Figura 5. Folha da caderneta de viagem onde estão anotados fatos dos dias e ideias de contos.

Recebido: 29 de agosto de 2016.

Aceite: 25 de setembro de 2016.